

Dr. Eric Pearl
& Frederick Ponzlov

PALAVRAS DE
SALOMÃO

COMO
RECONECTAR
A SUA VIDA

Tradução de Elsa Santos e Nuno Zoio



Índice

Prefácio	9
Prólogo – A História de Eric.....	13
Prólogo – A História de Fred.....	25
Introdução.....	37
Capítulo um – Quem é Salomão?.....	41
Capítulo dois – Quero que Se Questionem.....	45
Capítulo três – Deixar Fluir	47
Capítulo quatro – O Nosso Instinto é a Soma Total de Tudo-o-que-É.....	49
Capítulo cinco – Existe uma Verdade Universal para Cada Momento da Vida	53
Capítulo seis – Quando te Libertas Ajudas os Outros.....	57
Capítulo sete – Escuta a Tua Própria Música.....	61
Capítulo oito – A Tua Vida é uma Energia Mágica Intemporal Manifestada em Carne e Osso	67
Capítulo nove – Vocês São Portadores de Uma Grande Luz.....	73
Capítulo dez – Vocês Integram um Processo que Chega Numa Larga Escala	75
Capítulo onze – Confiem Que Basta Serem Vocês Próprios.....	77
Capítulo doze – Existe Um Êxtase Sublime No Nada	81
Capítulo treze – Os Problemas Não São Problemas – São Lições a Serem Aprendidas	85
Capítulo catorze – A Resposta que Procuras Está Dentro de Ti.....	89
Capítulo quinze – Na Interação Com os Outros Encontramo-nos a Nós Próprios	95
Capítulo dezasseis – A Autoestima É a Compreensão de Que És o Universo	101

Capítulo dezassete – Permite-te Acreditar na Tua Capacidade e Irás Encontrá-la.....	105
Capítulo dezoito – Renuncia à Tua Relação Amorosa Com o Sofrimento	109
Capítulo dezanove – A Chave Para Identificares a Verdade É Sentires Essa Verdade na Tua Alma	115
Capítulo vinte – Demora o Tempo Necessário Para Te Sintonizares.....	121
Capítulo vinte e um – Trata-se de Aliviar e Não de Complicar	125
Capítulo vinte e dois – Revela a Tua Alma	129
Capítulo vinte e três – Não Progredimos ao Celebrarmos as Nossas Diferenças.....	137
Capítulo vinte e quatro – Não Limites a Tua Definição de Sucesso	143
Capítulo vinte e cinco – O Importante É Manteres-te Em Movimento.....	147
Capítulo vinte e seis – Reconecta-te Com A Maior Força Que Existe	151
Capítulo vinte e sete – Estejas onde Estiveres, Há Uma Cura Que Pode Acontecer	161
Capítulo vinte e oito – A Própria Entidade Sabe do Que Precisa.....	165
Capítulo vinte e nove – Precisas de Saber Que És Um Mestre	173
Capítulo trinta – Criamos Cada Segundo das Nossas Vidas – É a Nossa Obra de Arte.....	179
Capítulo trinta e um – Os Aplausos Nunca Serão Suficientes	197
Capítulo trinta e dois – A Existência de Cada Indivíduo é Uma Sinfonia	201
Posfácio – Ordens de Marcha de Salomão.....	205
Epílogo de Frederick.....	207
Epílogo de Eric.....	209
Agradecimentos.....	211
Acerca dos autores.....	213

☞ Prefácio ☞

Meu Deus! Já não era sem tempo! Um novo livro de Dr. Eric Pearl. Tantos anos e tantos seminários, *workshops*, e conferências depois... Eis um novo livro! Finalmente! Que alegria! Se bem que (suspiro) não estava à espera de um livro *canalizado!* E... *quem é o Fred?!*

O telefone tocava de forma diferente nos anos 90. Não havia sons polifónicos, nem *ringtones* bonitinhos, nem músicas que parecem máquinas de casino, nada disso. Havia apenas o típico som de “telefone antigo” (agora um clássico em muitos *smartphones*). Eu atendi o meu telefone “tijolo” e ouvi uma voz que não queria ouvir. Uma pessoa que não conhecia e que tinha descoberto o meu número privado, apanhou-me em casa de cuecas, tentando recuperar um pouco de paz depois de ter acabado de voltar de um grande seminário de Kryon num lugar qualquer. Eu tentei ser agradável e, em retrospectiva, até fui. Era um quiroprático de Hollywood que queria alguns conselhos. Havia de dizer o quê?! “Olhe lá, como é que me encontrou? Não estou na lista, sabe?...”

Aparentemente, muitas coisas interessantes se estavam a passar no escritório deste homem, e ele estava a precisar de falar com um “canal legítimo e real”. Noutra ocasião, ficaria lisonjeado, mas ainda estava a tentar recompor-me do facto de ele me ter conseguido contactar tão facilmente em minha própria casa. Além disso, estava a tentar assistir

ao programa televisivo *Roseanne* – e, para fazer companhia ao meu telefone “mono”, naquela altura também tinha um televisor “mono”, sem possibilidade de gravar programas.

“Diga-me sinceramente, *como* é que obtive o meu número?”

A pessoa do outro lado apresentou-se como Dr. Eric Pearl. Respondeu à minha pergunta dizendo-me, basicamente, que tinha meios de descobrir o número de telefone de qualquer pessoa, porque conhecia pessoas influentes. Esta foi a minha apresentação ao homem da “Reconexão”. É claro que agora estou em condições de compreender aquilo que, na altura, não podia. Ele estava, de facto, a reconectar – porque estava a reavivar uma amizade Akáshica comigo, o que é semelhante a reconectar o passado com o futuro, e isso é algo com o qual estou familiarizado.

Ele precisava de ajuda. Bom, na realidade, não *precisava* de nada, porque o que se estava a passar é que ele havia começado a curar pessoas de uma forma fantástica. (Quem nos dera a todos ter esse problema!) Mas precisava de alguma clarificação sobre temas esquisitos tais como a canalização e, bem, hum, não estava a conseguir acreditar que aquilo fosse real, nem no facto de se ver a si próprio a protagonizar aquilo a que muitos chamariam de feitos milagrosos.

O que se pode dizer a um médico quiroprático com mais de doze anos de carreira, a exercer num bairro bem estabelecido, com uma boa clientela, e que se deparava com os seus pacientes na marquesa a “canalizar” mensagens para ele? Além disso... Todos estavam a proferir a mesma mensagem! E mais... Nenhuma destas pessoas se conhecia entre si! E todas, exceto uma, nunca haviam canalizado através da voz anteriormente! Elas tinham espasmos, entravam em estados de transe e transmitiam mensagens sobre e para ele!

Perguntei-lhe: “Mas porque me ligou a *mim*? Hollywood deve estar cheia de psíquicos e cartomantes que o podem ajudar...”

Fez-se um silêncio estranho que pareceu durar uma eternidade e, nessa altura, percebi quão estúpida tinha sido a minha frase. Achei por conduzir desde a minha casa em San Diego até Hollywood, onde tive o prazer de usufruir do nosso primeiro encontro, entre muitos que acabaríamos por realizar nos dez anos seguintes e ainda mais em diante. Muitas vezes, ia parar ao palco dele, e ele ao meu.

Era como se eu sempre o tivesse conhecido. Éramos amigos... *novamente*.

À medida que leem as primeiras páginas, começarão a entender como é que Fred se encaixa em tudo isto. Foi Fred quem, na verdade, deu o pontapé de partida na direção de um acontecimento deveras insólito e, ao mesmo tempo, em perfeita sincronicidade. Continuem a ler.

Com o passar do tempo, Dr. Eric (como gosto de lhe chamar) escreveu o seu primeiro livro: *A Reconexão – Cure os Outros, Cure-se a Si Próprio* [Albatroz, 2010], e estabeleceu uma comunidade em crescimento de praticantes de Cura Reconectiva. Isto foi crescendo ao ponto de, hoje em dia, ser internacionalmente reconhecido como a proeminente autoridade num novo nível de cura e, provavelmente, nesta altura já deverá ter um assento dourado em primeira classe numa companhia aérea qualquer. Ele viaja mais do que eu. Como o próprio costuma brincar, a mobília dele vive em Los Angeles, e ele vive nos aviões. Portanto, onde estava o Fred durante esse período? E quem é, realmente, Salomão?

Fred foi um dos primeiros que, há muito tempo, canalizou numa das marquesas do consultório de quiroprática de Eric, mas Fred também nos revela que, a um certo nível, já fazia isto desde criança. Portanto, à medida que se reconectam após todo este tempo, existe um reconhecimento de que este livro foi a razão do reencontro... E que o dom da canalização de Fred partilha uma *confluência de energia* em torno de Eric.

Salomão é descrito como a combinação de um coletivo de consciências e de inteligências. Eu compreendo isso, e vocês até podem notar as alterações de gramática durante algumas das sessões, alternando da primeira pessoa para a segunda pessoa (*nós*). Isto é muito mais comum do que se pensa no fenómeno da canalização, e representa um coletivo do outro lado do véu.

Na minha perspetiva, existe algo que não foi ponderado pelo Dr. Eric nem pelo Fred: o profundo significado do momento escolhido para o lançamento deste livro. Eu já canalizo Kryon há mais de 23 anos. Kryon é uma entidade amorosa que nos revelou, em 1989, que não haveria um Armagedão nem um fim do mundo em

2012. E (segundo me recorde) não tivemos. Disse-nos para nos prepararmos para uma mudança na natureza humana. Uma mudança de consciência, e que surgiriam novas energias no planeta para facilitar estes acontecimentos.

Antes de 2012, sentíamos que estávamos sempre a ser travados, e alguns sentiam dificuldades em colocar em marcha projetos e ideias. Havia sempre tanto negativismo, pessimismo, e medo do futuro – e, muitas vezes, medo uns dos outros. Subitamente, essa situação começou a desmoronar-se. De acordo com Kryon, 2013 será o primeiro ano de “plantio das sementes” do novo ser humano. Tudo está a ser recalibrado e, parte disso, é a nossa reconexão com a Fonte.

Leiam o Índice deste livro. Os temas representados são exatamente aquilo que Kryon nos disse que precisávamos, e são-nos transmitidos através da perspetiva de um curador, da inteligência universal, do senso comum; e canalizado a partir de um veículo experiente. Este é um dos livros que esperávamos este ano. E não só é perfeitamente oportuno como também é certo!

Por isso, desfrutem deste livro. Reconheçam a sabedoria contida nele e a oportunidade do seu lançamento. Reconheçam a profundidade na forma como ele foi criado, ao fim de todos estes anos.

E finalmente, desejem que o Dr. Eric não precise de encontrar o vosso número de telefone. Porque ele conseguirá obtê-lo, se assim o entender.

Muitas bênçãos,

Lee Carroll, Canal original de Kryon

☞ Prólogo ☞

A História de Eric

Oh meu Deus, suspirei, olhando para o meu paciente, Fred, que já não estava simplesmente deitado de costas à minha frente na marquesa almofadada do meu escritório. Ninguém vai acreditar nisto. Estarei na presença de quem ou de quê?

Os olhos do Fred estavam parcialmente fechados enquanto rolavam nas órbitas do crânio, movendo-se rapidamente para trás e para a frente debaixo das pálpebras tremulantes. A sua respiração abrandou e tornou-se mais profunda. Os braços, ligeiramente afastados, começaram a mover-se devagar, ritmicamente... Para cima, depois para baixo, e de novo para cima, como se flutuassem, delicadamente, sobre um campo de energia invisível. Os lábios abriram-se; via-se que a língua se movia, claramente a tentar formar uma frase, à medida que o ar saía da boca de forma audível.

Com alguma apreensão, debrucei-me e aproximei o ouvido para escutar o que ele tinha para dizer... No entanto, tudo o que consegui ouvir foi o som da sua respiração, à medida que as expirações se transformavam em tentativas vãs de produzir palavras.

Fiquei paralisado, em puro espanto. Sabia que estava na presença de algo maior do que qualquer outra coisa que eu, ou a maioria das pessoas, alguma vez tenha experienciado.

E, no entanto, isto não era o princípio nem o fim dessa coisa que se tornaria maior do que eu alguma vez poderia prever e que, em breve, afetaria milhões de pessoas em todo o mundo.

Enquanto ouvia atentamente o som que saía da boca do Fred, consegui, finalmente, escutar uma voz. Mas não pertencia a Fred.

Era a minha mãe a dizer: “O que estás a fazer?! Afasta o ouvido desse maluco antes que ele te morda a orelha!” Sorri, e ri comigo mesmo. É difícil explicar o que significa estar meio assustado, espantado, e divertido ao mesmo tempo...

*

No entanto, antes de continuar esta história, dou comigo a pensar se posso, honestamente, dizer que isto surgiu totalmente do nada? Bem, sim... e não. Para ser mais preciso, deixem-me recuar uns meses àquele dia de janeiro de 1994 e aos 5 meses anteriores.

Mal sabia eu que a minha vida, e a de muitas outras pessoas, estava prestes a mudar. Fui muito feliz enquanto médico durante 12 anos. Tinha um dos maiores e mais bem-sucedidos consultórios de quiropraxia de Los Angeles, e era dessa forma que eu pensava viver o resto da vida. Todavia, fui para casa numa quinta-feira a pensar que era um médico quiroprático e, quando voltei, na segunda-feira seguinte, era algo diferente. (Os meus pais sempre me disseram que eu era “diferente” – mas, provavelmente, não era a isto que se referiam.)

Tudo começou naquela quinta-feira à noite quando, subitamente, fui acordado por uma luz ofuscante. Abri os olhos para ver o que era, e não era nada de natureza espiritual ou metafísica: era apenas o candeeiro de cabeceira. Tinha-se acendido sozinho. Ora, há mais de dez anos que tinha esse candeeiro e nunca acontecera tal coisa. No entanto, ali estava ele.

Nesse instante, parecia que estava alguém em minha casa.

Não consigo descrever como é estranha a sensação de acordar com a impressão de que está alguém em nossa casa que não estava lá quando nos deitámos. Escusado será dizer que me levantei, muni-me de uma faca, uma lata de gás-pimenta e o meu Doberman pinscher e fui à caça de intrusos. Depois de uns bons vinte minutos, decidi que tudo não passara da minha imaginação e voltei para a cama. Mas, na segunda-feira seguinte, sete dos meus pacientes, que nunca antes se tinham visto, insistiram que estavam a sentir “pessoas” nas salas do meu consultório enquanto trabalhávamos, tal

como eu havia sentido em minha casa – e, no entanto, nada sabiam da minha experiência.

Seria lógico que, após doze anos de profissão sem nunca ninguém ter mencionado algo remotamente similar, o facto de aquelas sete pessoas relatarem a mesma experiência, no mesmo dia, chamasse a minha atenção. Ainda na mesma segunda-feira, outros pacientes disseram-me que conseguiam sentir as minhas mãos sem eu, sequer, lhes tocar. É claro que não acreditei. Disse-lhes para se deitarem na marquesa com os olhos fechados enquanto mantinha as mãos a várias distâncias deles, desde centímetros até metros e, no entanto, eles conseguiam sempre adivinhar para onde estavam viradas as palmas das minhas mãos. Tornozelo esquerdo, ombro direito. Eles sabiam. Consequiam sentir-me... Ou sentir aquilo.

Enquanto os observava, os seus músculos faciais – pequenos músculos na testa ou à volta do queixo e dos lábios – moviam-se... Mais precisamente, ondulavam... Músculos tão pequenos que não seria possível movê-los intencionalmente. Os lábios abriam-se, as línguas mexiam-se. Os olhos moviam-se rapidamente para trás e para a frente. Os dedos e os pés deslocavam-se involuntariamente em padrões sincronizados ou alternados: direita, esquerda, direita, esquerda...

Quando abriam os olhos, falavam-me de cores que nunca tinham visto; fragrâncias, frequentemente florais, que nunca haviam cheirado; “pessoas” que mais ninguém na sala conseguia ver ou ouvir.

Depois começaram a relatar curas. Verdadeiras curas. Alguns levantavam-se de cadeiras de rodas. Recuperavam a mobilidade dos braços, das pernas, recuperavam a visão, a audição... Os pacientes traziam-me resultados laboratoriais de tumores cancerígenos que desapareciam. E crianças com paralisia cerebral e epilepsia que conseguiam andar, correr e falar normalmente; já não tinham convulsões; não necessitavam de medicação. Os meus pacientes e os seus médicos telefonavam-me e perguntavam: “O que fez?”, “Nada”, era a minha resposta. “E não diga a ninguém.” Era como o Governo a recomendar às pessoas “diga não” às drogas. Quanto mais eu pedia segredo, mais as pessoas divulgavam.

Não demorou até que comessem a pedir-me para lhes ensinar o ofício. “Ensinar?!” Respondi: “Como se ensina algo assim?” Eu

pareço um idiota ali de pé a agitar as mãos, pensei. Disse-lhes: “Vão para a rua agitar as mãos no ar como uns idiotas, e depois digam-me o que os vossos vizinhos acham disso.”

Entretanto, cada vez mais pacientes me telefonavam depois das sessões a contar que, quando regressavam a casa, as portas automáticas das garagens se abriam antes de clicarem no comando para as abrir. Ou que quando entravam em casa, as televisões ou aparelhagens de som espontaneamente se ligavam e desligavam, ligavam e desligavam. Sentiam algo nas mãos e, ao aproximá-las de um familiar com um problema, essa pessoa curava-se!

Subitamente, começámos a reconhecer aquilo que a ciência e os investigadores mais tarde confirmariam: que quando interagimos com este novo espectro, mais alargado e mais abrangente de frequências de cura, algo muda dentro de nós que nos permite, não só aceder à nossa própria cura, mas também facilitar a dos outros. Hoje a ciência chama-lhe Cura Reconectiva, e foi a matéria do meu primeiro livro: *A Reconexão: Cure os Outros, Cure-se a Si Próprio* (Albatroz).

*

Bom... de regresso ao consultório com o Fred, os sons da respiração continuavam, enquanto eu observava, fascinado... Talvez demasiado fascinado, porque, de repente, apercebi-me que estava há muito tempo com ele enquanto os outros pacientes esperavam por mim. Toquei suavemente no osso esterno do Fred com o indicador e o dedo médio e sussurrei-lhe: “Fred, creio que já terminámos.”

Fred abriu os olhos. Olhou para mim. Olhei para ele. Ele não disse nada. Eu também não. Realmente, o que havia a dizer?

Não posso dizer que não tenha pensado – bastante até – no que acontecera, durante o resto da semana até à consulta seguinte dele. Tinha a certeza que voltaria a acontecer. Agendei todos os meus pacientes para antes do Fred de modo a ter tempo extra, caso fosse necessário.

E foi. Ajustei-o, e disse-lhe para fechar os olhos, relaxar e permitir que o ajuste estabilizasse. Enquanto estava ali deitado, mantive as mãos no ar, próximas da sua cabeça, e a cena da última visita

repetiu-se. A cabeça voltou-se para trás, os olhos reviraram-se, os lábios abriram-se, a língua moveu-se e um ar audível saiu pela boca. Mas desta vez o ar condensou-se na forma de uma voz que disse: “Estamos aqui para te dizer que continues a fazer o que fazes. O que fazes é trazer luz e informação ao planeta.”

O Fred olhou para mim e confessou que ouvia essa voz desde que tinha, aproximadamente, onze anos de idade; que apenas duas pessoas sabiam; que sentira isso a acontecer na visita anterior, mas que pensou que eu não tinha notado. Disse-lhe para relaxar e deixar fluir.

Pensei que era algo exclusivo do Fred. Uma “coisa à Fred”. Mal sabia eu o que se seguiria.

Dois dias depois, três outros pacientes perderam a consciência e disseram as mesmas duas frases que o Fred tinha dito: “Estamos aqui para te dizer que continues a fazer o que fazes. O que fazes é trazer luz e informação ao planeta.” No entanto, uma terceira e uma quarta frase foram acrescentadas. Dois pacientes disseram: “O que fazes é reconectar cadeias.” Um deles acrescentou: “O que fazes é reconectar cordas.”

O Fred voltou mais tarde para outra consulta e disse-me que, enquanto estava em casa, fizera escrita automática. (Aparentemente, mais uma “coisa à Fred”.) Disse tratar-se da sua escrita automática habitual, exceto as duas últimas frases, em que se lia: Não subestimes o poder do Dr. Eric Scott Pearl. O que ele faz é reconectar cordas.

Perguntei-lhe se tinha a certeza de que estava escrito “cordas”. Eu sabia que cadeias significava ADN. Cordas deveria ter sido um erro, pensei. Ou talvez alguma entidade, alguma inteligência do universo, estivesse a tentar comunicar comigo, e tivesse dificuldade em encontrar palavras na língua inglesa que veiculassem um conceito que estaria algures entre cordas e cadeias. Mas o Fred insistiu que aquilo que escrevera fora cordas.

Já agora, contei-vos que nenhum destes pacientes se conhecia? Bem, permitam-me dizer-vos agora: Nenhum destes pacientes se conhecia. Nem conheciam nenhuma das cinco pessoas a quem isso aconteceu na semana seguinte, no meu consultório. Ao todo, durante os três meses que se seguiram, mais de cinquenta pacientes

perderam a consciência e pronunciaram, textualmente, algumas, ou todas as seis frases.

*

O que cedo percebi foi que, por vezes, é-nos dada a oportunidade de entrar por portas que não temos a certeza para onde nos levam. Na maior parte das vezes é assim, e foi o que aconteceu comigo.

A princípio, os “curadores” que me observavam alimentavam-me a colheradas de medo disfarçadas de amor. Perguntavam: “Qual é a fonte destas curas? É uma boa fonte?”

“Claro que é”, respondia. “É Deus. É amor. É o universo.”

“Como sabes?”, perguntavam.

“Simplesmente sei”, dizia-lhes.

“Mas como sabes?”, perguntavam novamente, até que eu comecei a questionar-me como sabia. Quer dizer, eu sabia. Apenas não sabia como. Então, assumindo que os que me colocavam estas perguntas deveriam saber algo que eu desconhecia, perguntei-lhes o que deveria fazer para descobrir a fonte.

“Pergunta-lhe”, foi a resposta.

Pergunta-lhe? Pergunta-lhe?! Que raio de resposta é essa?! Se perguntarmos a uma fonte boa se é uma fonte boa, ela dirá a verdade, que é uma fonte boa. Se perguntarmos a uma fonte má se ela é uma fonte boa, ela mentirá e dirá que é uma fonte boa.

Afinal de contas, estes curadores, que tinham a audácia de instilar o medo onde ele não pertencia, nem sequer tinham a integridade de me dar a devida orientação para chegar à resposta. Pergunta-lhe?!

Então pensei, pensei e pensei. E, finalmente, imaginei dois dos piores cenários possíveis:

(a) Morro. Chego às portas do Céu, ou onde quer que seja que vamos parar, e São Pedro, ou quem quer que seja que nos receba, está lá e procura o meu nome no Livro da Vida.

Eric Pearl... Eric Pearl... Eric Pearl... Aqui está... Humm...